

Entrevista a Amílcar Silva

“Temos mercado para que mais bancos grandes possam entrar”

O presidente da Associação Angolana de Bancos (ABANC) falou ao *Expansão* dos reflexos que o Novo Regime Cambial do Sector Petrolífero (NRCSP) começa a ter na banca nacional e no sistema financeiro em geral.

FRANCISCO DE ANDRADE

Há cerca de dois anos, passou a vigorar um regime cambial aplicável ao sector petrolífero. Neste momento, que balanço se pode fazer da sua implementação? Trata-se de um projecto faseado, definido e coordenado pelo Banco Nacional de Angola (BNA), cujos principais impactos neste momento são a assumpção, pelos bancos comerciais, de um conjunto de oportunidades que se desenvolviam fora da banca que opera no País. Estamos a caminhar para um conjunto de desenvolvimentos financeiros das empresas operadoras e prestadoras de serviços afectas ao sector no sistema bancário nacional. Foi um avanço muito grande.

Onde se reflectem os avanços?

Primeiro, na própria modernização dos bancos, que tiveram de comprar equipamentos, formar pessoal e montar departamentos específicos de *oil & gas* para um atendimento sério e profissional às empresas que se movem neste espaço.

Isso era posto em causa pelas petrolíferas...

É um facto que era posto em dúvida pelas empresas, que julgavam que os bancos nacionais não tinham capacidade para assumir essas funções, mas o que tem sido evidente é que as têm assumido com profissionalismo e com responsabilidade.

Que outros ganhos a banca conquistou com o NRCSP?

Tivemos ganhos de eficiência, pela via da descentralização que muitas destas oportunidades trouxeram. Falo também da descentralização, porque há uma fase última em que por vezes tem de se voltar ao BNA. Mas aí, também, os bancos tiveram um comportamento de enaltecimento. Aqueles que quiseram tirar benefícios imediatos prepararam-se para oferecer os seus serviços, e esses serviços têm sido aliçados de uma forma aberta.

Podemos relacionar a redução de divisas postas à disposição dos bancos pelo BNA, nos primeiros quatro meses deste ano, com o novo regime cambial?



Edison Chagas

O novo regime também tem vindo a fazer com que o banco central não tenha tanta necessidade de pôr divisas à venda, porque há divisas já com algum peso que estão a ser transaccionadas no mercado secundário, entre bancos e empresas, quer nas compras, quer nas vendas.

Neste processo, não há o risco de haver alguma especulação entre os players?

Aqui há um processo que deve ser melhorado. Embora a compra e venda de divisas no mercado secundário seja livre, o BNA não vai permitir que haja especulação a 'rondar' e que as empresas venham a usufruir de ganhos que podem redundar em prejuízos para a nossa economia, para as populações e até para

“O NRCSP é, sem dúvidas, uma peça fundamental para o processo de desdolarização da economia”

a preservação do valor da moeda nacional, até porque estamos num processo de desdolarização da economia.

Um processo em que se insere a lei cambial para o sector dos petróleos...

Este regime cambial está nesse processo, que não deve ser prejudicado por acções espo-

ráticas de alguns ganhos extraordinários na compra e venda de divisas. Não havendo *spreads* devidamente fixados, se calhar vamos ter de seguir nesta via. Mas este é um processo que certamente vai melhorar, passando a ter também uma influência decisiva no desenvolvimento económico do País.

O NRCSP pode ser decisivo para a desdolarização económica que se persegue...

O NRCSP é, sem dúvida, uma peça fundamental para o processo de desdolarização da economia. A desdolarização da economia, como disse o governador do banco central, não tem um fim em si próprio. É um instrumento, num determinado espaço, numa determinada vertente e numa determinada época. Depois,

extingue-se naturalmente.

É crescente o interesse de bancos estrangeiros em entrarem no nosso mercado. O novo regime estará a servir de 'chamariz'?

Com certeza. O nosso mercado interno, hoje, ainda é pequeno... Temos poucas empresas e pequenas empresas que querem fazer negócios grandes, o que não pode ser. Ainda não temos um número considerável de grandes empresas, mas tudo se conjuga, na medida que os anos forem passando e formos crescendo e tendo uma economia mais robusta. Actualmente, a nossa economia baseia-se ainda muito no comércio. Temos poucas fábricas e uma indústria ligeira ainda muito inci-

“Os bancos não são só para ganhar milhões. Às vezes ganham milhares, mas estão bem alicerçados e ajudam a economia”

piente, portanto, estamos ainda longe de atingirmos patamares elevados. Mas vamos atingir com certeza.

Ou seja, ainda temos muito mercado...

Sim. Veja que há bancos grandes, médios e pequenos. Existem aqueles que só fazem 'franjas' de negócios, uns que fazem apenas pequenos créditos, e outros que podem também só fazer indústria.

Com a entrada de grandes bancos, não se corre o risco de vermos alguns dos pequenos desaparecerem ou fundirem-se?

Acho que não, porque há negócios que os pequenos fazem e que os grandes não querem fazer. Os grandes são para outro tipo de clientes. Muitos destes bancos poderão, por exemplo, ter uma intensificação da sua actividade numa província. Um banco pode ser fraco em Luanda, mas forte em Benguela. Os bancos não são só para ganhar milhões. Às vezes ganham milhares, mas estão bem alicerçados e ajudam a economia.